

de simples *touristas*, dando-lhes a liberdade de falar ou jantar com os seus amigos de ideias ou pessoais, ainda mesmo que andassem sempre acompanhados de uma guarda de honra policial, como lhes succedeu durante a sua curta estada em Monforte.

Ora como em Espanha em vez de liberdade ha frades, em vez de hospitalidade ha indecência dos governantes, em vez de escolas livres ha conventos, em vez de moralidade ha o bom cano de espingarda dos carabineiros e em vez de liberdade de associação ha o regimen inquisitorial das prisões, acrescentando-se a tudo isso a dura circunscricção de que o governo espanhol sustenta uma guerra em Marrocos, onde têm lurgado a vida centenas e centenas de produtores, e, por espirito de classe, anseia tambem ricas conquistas, para se repartirem entre o crucificar dil cerante dos corvos financeiro-industriais — segue-se que o congresso internacional da paz, desejado pelos trabalhadores, foi proibido; primeiro, porque não tinha o minimo carácter de força, como acontece com os congressos da Haia; segundo, porque não tendo esse característico de força, e sendo feito por trabalhadores, a parte mais interessada no assunto e a que tudo sofre com as guerras, desse congresso de paz safa uma acção internacional continua, alguma coisa homogénea e enérgica, de propaganda contra a guerra, contra o militarismo, contra a nefasta diplomacia politico-governamental e um entendimento e compromisso de, no futuro, impedir-se a repetição de mais carnificinas por todos os meios ao alcance dos trabalhadores, ao comartelo de uma insurreição gigantesca; — segue-se que os congressistas portugueses foram expulsos, primeiro, porque são homens livres e de firme vontade; segundo, porque a sua missão era, entre outras coisas, como ja a esta hora todos sabem, conseguir uma aproximação dos trabalhadores portugueses com os trabalhadores espanhóis, de cuja aproximação saia o encargo solene de, no caso de uma provável intervenção de Espanha em Portugal ou de Portugal na Espanha, isto é, de uma invasão levada a cabo por qualquer destas nacionalidades, os desherdados opõem-se por uma acção conjunta e decidida aos preparativos militares offensivos ou defensivos.

Dato, com as violências e regateirices ecléticas, conseguiu protelar todos os nossos esforços? Não. Parece que desta feita ficou bem comido. Nem a proibição do congresso deu o resultado desejado, nem a expulsão dos delegados chegou a tempo.

Clemente Vieira dos Santos

## Notas Rubras

### Propaganda eleitoral

Os «tribunos» do partido democrático principiaram com a sua propaganda eleicoeira. Não tardará que os palradores das outras facções politicas lhe sigam os passos...

Agora é que o povo se vai faltar de ouvir promessas, qual delas a mais tentadora...

Muitos daqueles que no regimen imperante já deram sobejas provas de pequenos tiranos vão enrouquecer a berrar á multidão papalva que amamentanhadamente a liberdade e que todos podem ressonar descañadamente, votando nos candeados do seu partido, visto que eles, em se apossando do governo, decretarão coisas, muitas coisas, que tornarão a vida dos trabalhadores num verdadeiro favo de mel.

Temos eleições para breve. Os paladinos verde-rubros, os verborreicos arengadores jacobinos vão ser pródigos em lisongear o povo, a «canalha de aluquer», a «escumalha», a «rua».

Abundarão, agora, os promettimentos mais fascinadores...

Os que estão no poder serão

acolmados de tudo, afirm de se conseguir adeptos para a seita, muito embora eles os suplantem em oppressões quando se apañam no poleiro...

Infelizmente, haverá muito quem se fie nas tretas desses ludibriadores, dando-lhes, na ocasião oportuna, o seu votinho...

As continuas desilusões que o produtor tem sofrido deviam ser o bastante para que ele se inteirasse da burla, do «conto do vigário» que os vários politicanes lhe impingem na propaganda eleitoral e nas outras ocasiões em que pretendem captar-lhe a simpatia...

E' tempo dos trabalhadores se convencerem de que todos os politicos se igualam. O seu bem-estar, a sua emancipação apenas surgirá sob a acção do seu braço vigoroso e fecundante. A politica só interessa aos ociosos e aos que lucram em ver a classe operario acorrentada a falsas doutrinas emancipadoras...

Todo e qualquer operário consciente deve abominar a politica caciqueira, pois que ella é bem a maior inimiga do proletariado.

C. RODRIGUES

## Os antagonismos capitalistas

Já mostrámos como os Estados Unidos, onde floresce o hipócrito pacifismo burguês, lucraram com a conflagração europeia — para confirmar o famoso aforismo que traduz a alma do regime burguês: a tua morte é a minha vida. Ai vão mais dados.

Não é sómente em material de guerra que as indústrias norte-americanas tem feito um negocioarrão. Do 1.º de Julho de 1914 a 31 de Janeiro de 1915, os norte-americanos exportaram 239.379.702 dólares do trigo em vez de 98.673.121 em igual periodo do ano económico anterior.

Em resumo, o total das mercadorias exportadas durante o mês de janeiro último foi de 320 milhões de francos mais do que o valor das exportações em janeiro de 1914.

Durante a guerra civil norte-americana entre os Estados do norte e os do sul (1861—1867), o movimento marítimo da Inglaterra duplicou-se, ao passo que decaiu enormemente o dos Estados Unidos: estes agora tiram a sua desforra...

Belezas do lindo regime capitalista...

### TARRIDA DEL MÁRMOL

Apelo em favor da sua viuva e filhos

A morte do Professor Fernando Tarrida del Mármol pira muitas causas de um generoso partidário, a sciência de um dedicado obreiro, os seus amigos de um coração afectuoso e a humanidade de um dos mais dignos dos seus filhos.

A sua vida foi de abnegação, exemplo para todos, Pertencente a uma familia rica e dotado de poderosa intelligencia, podia, se assim tivesse querido, ter aspirado a uma posição elevada na sociedade e a um bem estar material que teria tornado desnecessário este apelo. Mas a sua grande característica era a sua sensibilidade para com os sofrimentos dos outros. A aliviar esses sofrimentos consagrou elle a sua vida. Os humildes, mais do que todos, nele tinham um valente campeão.

Apelamos para os adeptos das muitas causas que elle amou e para os amigos que o conheceram e estimaram, afim de mostrarem o seu apreço fuzendo alguma coisa pela viuva e filhos que elle deixou. Não podemos restituir-lhes este dedicado marido e pai amante, mas podemos fazer alguma coisa para provar que a obra da sua vida foi apreciada pelos que o conheceram e estimaram.

William Archer, P. Campbell, W. Heaford, A. Lynch, J. McCabe, J. Ramsay Macdonald, E. Malatesta, Sorgue, G. H. B. Ward, W. Tcherkesoff

O secretario da Comissão Mármol reside em: 92 Selwyn Avenue, Higgams Park, London, N. E. As somas devem ser remetidas a um dos tesoureiros: Mr. William Archer, 27, Fitzroy Square, London, W., ou Mr. J. N. Viola, 15, Wilbury Road, Hove, Brighton (Inglaterra).

## Notas de perto

IV

Meu caro C.

Deixo para a próxima o mais que prometi dizer-te sobre Lord Roberts, o «ídolo prestigioso» dos militarões ingleses.

E' para te contar uns momentosos casos e vêr se tu descortinas conexão entre eles ou entre os cordelinhos que os movimentaram. Em si, eles são o pão nosso de cada dia; mas parecer-te-ão bastante estranhos, a ti que acreditas um tanto que os das chancelarias usam da mesma simplicidade para respitar a liberdade e deixar o mundo em paz, que tu usas para solucionar as coisas mais rudimentares da tua vida.

Li um telegrama nos diários dizendo que foram processados dois anarquistas no Ferrol pelas afirmações feitas em reuniões preparatorias do Congresso Internacional para a Paz, que acaba de ser proibido e os congressistas expulsos não sei em nome de quê.

Uns amigos congressistas enviaram-me um bilhete afirmando a sua solidariedade na hora amarga da expulsão que sofreram.

Até aqui, muito bem, para os nunca desmentidos inquisidores de Espanha. Mas queres ver agora como os factos se relacionam? Na Haia outro congresso devia realizar-se promovido por mulheres e a que devia assistir uma boa delegacia de mulheres inglesas que desejam a paz. E sabes tambem o que aconteceu? O governo inglês proibiu que uma certa qualidade das suas súbditas fizesse parte do congresso, não fosse perigar a Democracia e a Europa que elles se jactam em querer fazer libertar da oppressão teutónica.

Uma das proibidas foi a famosa sufragista Sylvia Punkhurst que, pela maneira como o seu governo procedeu, está sendo ovacionada onde quer que se apresenta falando em público, sendo o governo apupado aos gritos de — «Vergonha!» — por ter-se imiscuido demasiado nestes casos de liberdade de opinião em que a Inglaterra gosa de universal fama.

Mas ainda ha mais e mais estranho que bem define como os aliados praticam a liberdade e quanto eles lutam pela liberdade dos outros povos.

Jean Chappelle era um refugiado belga na Inglaterra, porque no seu «heroico país» se distinguira na organização dos trabalhadores. Fôra perseguido por ter participado de uma greve dos Transportes e mesmo na sua ausência, havia sido condemnado a seis meses de prisão. Ha quatro anos que ele vivia com sua companheira e mais familia na «hospitaleira Inglaterra», de uns magros proventos que lhe davam umas correspondencias que ia mandando para periódicos belgas. Como a guerra estalou, adquiria fracos meios para poder sustentar-se e aos seus; contudo não deixou esfriar o seu entusiasmo como organizador de uma União dos Trabalhadores, a que se tinha dedicado. Na quarta-feira 21 foi, com outros oradores, falar a um comicio que se realizava em Twickenham. Sem dizerem qual o motivo do seu procedimento, dois detectives meteram-no; na cadeia e foi á sucapa deportado para o Havre. Uma comissão de cinco membros da mesma Worker's Union foi falar com o secretário do ministério do Interior, revelando este então que o governo inglês está vigiando pessoas que durante a guerra fugiram das prisões belgas e que J. Chappelle tinha sido preso sob a ordem de desnecessário. Desculpas.

A comissão citou o tempo que ele já reside na Inglaterra como refugiado e que o seu crime perante o governo belga fôra cometido tres anos e meio antes da declaração da guerra, e perguntou se para Krápótkine e outros refugiados politicos procederiam da mesma forma.

Sobre este ponto nada esclareceu; mas recesso de que as Unões dos Trabalhadores tomassem conta do caso, oito dias depois garantiu a volta de J. Chappelle á Inglaterra.

Estás a vêr agora como o governo inglês, o protector das pequenas nacionalidades, protege os

pequenos subditos delas. Tivessem procurado outra ocasião em Chappelle não estivesse acompanhado de outros propagandistas e não seria com facilidade que hoje se saberia do seu paradeiro. E sabes porquê? Chappelle esforçava-se ultimamente por expôr casos onde refugiados belgas tinham influido para uma baixa de salários entre os operários ingleses, e como o ódio dos capitalistas não conhece «povos heroicos» desde que os seus filhos não sejam submissos, procura desfazer-se, sempre que pode, dos que são um estorvo ás suas ambições.

E ainda nos vam falar dos teutões, dos hunos, a quem é necessário aniquilar! Como se estes casos que te cito não aos demonstrassem que os teutões, os hunos, tempentes por toda a parte e que jámais enfeitaram o nome porque são conhecidos: — Capitalistas, a quem agora não convem que a ateadada fogueira deixe de crepitar, que em todos os tempos tem fomentado o ódio entre os produtores, de cuja exploração vivem e de cuja miséria gosam á larga.

E como elle habita e explora, dirige e oprime, aqui como ali, por lá como por cá, facilmente observará a conexão entre os factos que te apontei. Pelo menos quem os produziu foi o mesmo.

Lisboa, 3—5—1915  
Teu  
H. QUESARIO

## O movimento anarquista na Inglaterra

Na páscoa, realizou-se em Stockport a conferência anual dos anarquistas ingleses.

Depois de cada grupo fazer rapidamente o relatório substancial dos seus trabalhos, dos meios de propaganda empregados, a conferência discutiu a necessidade duma nova Internacional, resolvendo-se activar as relações com os grupos do exterior. Falou-se tambem do modo de amparar e desenvolver a imprensa anarquista inglesa.

Veio depois a questão da guerra. «A discussão sobre a attitude dos anarquistas ante a guerra», escreve *Voice of Labour*, «só podia ter uma tendência — o lamentar a acção dos anarquistas que, contra todos os ensinamentos anarquistas, incluindo os de Krapótkine, pusem de lado a grande guerra dos trabalhadores nas suas tentativas para justificar as guerras governamentais entre as nações. Foi opinião unânime dos presentes que os anarquistas só podiam tomar uma attitude, uma decisão firme de resistir ao militarismo em qualquer circunstância, continuando a afirmar que a guerra é consequência do capitalismo, e que era para anarquistas uma quebra de princípios apoiarem qualquer Governo no prosseguimento da guerra. A avaliar pelos relatórios, isto exprime indubitavelmente a opinião geral do movimento.»

Comentando esta passagem dos debates, no citado jornal, o camarada Hopkins escreve:

«Para mim, a principal impressão foi o modo vivo e reflectido como a Conferencia unânime e com voz segura condenou (com certa tristeza) a attitude antianarquística de Krapótkine e dos anarquistas que compartham as suas vistas sobre a guerra. Esta é para mim a maior, a mais nobre e esplêndida lição a aprender: que todos os camaradas tenham mostrado e exprimido a sua resolução de confiar no seu próprio Jutzo, em vez de se deixarem arrastar, na sua attitude perante a guerra, por qualquer outro. Se jamais houve pessoa que pudesse ter sido objecto de culto da parte dos seus admiradores, essa pessoa foi Krapótkine; mas, embora um ou dois camaradas não tenham podido libertar-se da fascinação da sua personalidade e furta-se ao culto do seu idolo, podemos felicitar-nos por ser essa adoração limitada a um ou dois casos insulados.»

Se este facto se houvesse dado em outro qualquer movimento, diz-nos a experiência que teria terminado por uma acção extremamente desastrosa no partido, como aconteceu ha anos no partido social democrático. A praga de todos os movimentos e idades tem sido o tolo e irracional culto dos chefes, e quando compreendemos este facto podemos apreciar a significação profunda da manifestação da Conferencia condemnando unânime e a attitude de alguns anarquistas favoráveis á guerra. Mostra isto que o movimento anarquista é o primeiro e único movimento, tanto no passado

como no presente, que compreende e pratica inteiramente os verdadeiros princípios da auto-confiança. Embora apreciando profundamente a grande e nobre tarafa de certos camaradas, o movimento está sempre pronto a criticá-los no momento em que, por palavras ou obras, fallam á sua philosophia anarquista. Tal é, a meu ver, a única attitude possível e lógica dum anarquista para com os seus camaradas, sempre pronto para dar apreço ao trabalho dentro do movimento, mas sempre alerta para condenar qualquer acção incompatível com o anarquismo. Só com essa attitude é que o movimento se conservará puro.

A propósito, acrescentaremos que é o mesmo o sentimento predominante entre os anarquistas estrangeiros residentes na Inglaterra. Numa correspondência de Londres para *Volonté*, escreve Noel Paravich:

«... Aqui, os socialistas são em enorme maioria contrários á guerra e a sua propaganda, desde o inicio das hostilidades, não cessou um só instante de atacar os partidos guerrilistas.»

Os anarquistas favoráveis á guerra contam-se pelos dedos da mão: dois russos, um inglês e um italiano. Nem um jornal dos nossos é favorável á guerra. Os refugiados politicos fazem todo o possível para coadjuvar os camaradas ingleses na campanha contra a guerra e em defesa dos nossos princípios, como o prova o manifesto internacional «Contra as guerras.»

Cartas de camaradas franceses e alemães trazem-nos a boa noticia de que nos dois países a maior parte dos nossos amigos permaneceram fiéis ao nosso ideal de justiça e de fraternidade... Entre outras coisas, garantem-nos que saberão aproveitar o menor incidente favorável para provocar um movimento de revolta, que lava no animo do todos e que só a repentina e espantosa tempestade pôde sopitara.

Juntemos ainda que são numerosos os camaradas franceses refugiados no estrangeiro, apesar das enormes dificuldades de desertção.

A opinião anarquista mantém-se, pois, firme na generalidade, tendo sabido resistir á perturbadora tempestade. Valhao nisso, ao menos.

É um bem essa quase unanimidade, mas é um bem maior que ela se manifeste colectivamente e o mais ruidosamente possível: eis a vantagem dos congressos, manifestos, etc. Sem essas duas circunstâncias, o nosso movimento ficaria mais seriamente maltratado, o seu futuro mais gravemente comprometido — e bem mais danosos seriam os manejos dos serventuários da burguesia que, insultando-os com os seus elogios, chamando-lhes «ilustres» e «sensatos», arvoram jubilosamente os nomes de alguns camaradas nossos, em desacôrdo com as nossas ideas nesta questão. Não nos referimos só, é claro, ao que de Paris ladra aquele pobre rafeiro analfabeto que acode ao chamadoiro de Xavier!

Podem-nos a publicação do seguinte:

Portimão, 28 de Abril de 1915

Ex.º Sr. Director do «Jornal»

A Associação de Classe dos Marítimos de Portimão vem indignadamente protestar contra as aleviosas atribuições a José da Barra, publicadas no «Jornal», de 27 do corrente.

E' deveras lamentável que se dê credito a um alcoolico desqualificado, que foi violentamente expulso desta associação, salvando-o da justa indignação da classe, o homem que elle hoje pretende morder, e que o censurou asperamente pelo seu vil procedimento.

Havendo em Portimão 30 ou 40 marítimos votados ás ferás, resolveu a associação, com o voto unânime de todos os socios e mestres de Portimão, lançar um pequeno cerco, para valer aos seus associados e procurar ganhar independência.

A manifesta escassez de peixe, porém, fez com que a tentativa falhasse, como tantas outras empresas algavias, sendo vendidos rede e barco para pagamento das suas dividas.

Eis tudo, que, na sua simplicidade, quebra os dentes aos calculadores, reconhecidos inimigos nossos.

E' neste V. Ex.º que, o tal peixeiro não perdeu o seu dinheiro.

Representa o facto uma grande infelicidade para esta associação; mas o seu maior mal são os operarios da força dessa tal José da Barra e que jandos.

Foi e será sempre a grande barreira da organização operaria a demagogia dos alguns dos seus próprios membros. E' tão desgraçado é o entrevistado, que nem sequer tem a importancia precisa para o charmarmos á responsabilidade dos seus caluniosos disparates.

Saude e Fraternidade

Pela Associação

Jacinto Padreiro